

AS MÚLTIPLAS FACES DA OPRESSÃO À CLASSE TRABALHADORA: O CASO DO AMIANTO¹

Jovana Alves de MELO²

Resumo: O presente artigo faz uma reflexão acerca dos impactos da globalização e do neoliberalismo na sociedade contemporânea, analisando o modo pelo qual essas medidas se refletiram diretamente no mundo do trabalho e mais especificamente no caso dos trabalhadores do ramo amiantífero. Apresenta dados sobre a contaminação de trabalhadores que tiveram contato direto com esse mineral e os dilemas do mesmos com as pressões das empresas e o desemprego.

Palavras-Chave: Amianto; doenças profissionais; trabalho; globalização e neoliberalismo.

Abstract: This article is a reflection about globalization and Neoliberalism impacts on the contemporary society. It analyses how the theories reflect on the labour and especially the asbestos workers. The article introduces information about contamination and the problems that workers have with factories and unemployment.

Key-words: Asbestos; professional illnesses; work; globalisation and neoliberalism.

Introdução

O amianto ou asbesto é o nome comercial de uma fibra mineral comprovadamente cancerígena, utilizada em larga escala pelos diversos ramos da indústria nacional e internacional, suas propriedades físico-químicas permitem uma aplicabilidade industrial extensiva, pois é incombustível, bom

¹ Este trabalho é parte da reflexão que venho desenvolvendo atualmente na minha dissertação de mestrado.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP.

isolante térmico, fácil de ser tecido, além de ser facilmente retirado da natureza e ter um custo reduzido (COSTA, 1983).

Tem sido aplicado desde a antigüidade, mas é com o advento da Revolução Industrial que ele passa a ser intensamente utilizado. Até meados da década de 1980 mais de 3000³ produtos diferentes apresentavam em sua composição o amianto. Hoje, sua utilização está concentrada nos produtos de cimento-amianto, que representam 85% do consumo dessas fibras, materiais de fricção 10%, produtos têxteis 3% e a produção de juntas de vedação e gaxetas cerca de 2%. (SCLIAR, 1998).

Os estudos sobre a nocividade do amianto tiveram início há mais de um século, mas é a partir de 1960 que os mesmos passam a ser efetivamente publicados e os males causados por essa fibra passam a ser divulgados. Na década de 1980 o amianto havia sido utilizado em larga escala e os estudos epidemiológicos sobre as doenças causadas pela exposição ao amianto já apontavam milhares de casos registrados (INSERM, 1996).

Inicialmente, os estudos estavam concentrados na discussão da exposição profissional ao asbesto, quando foi comprovado cientificamente que a exposição a esse mineral é altamente perigosa e pode causar diversas doenças⁴. Desde então, as empresas do ramo adotaram formas de amenizar o contato das fibras com o trabalhador direto.

Essa política foi chamada de uso controlado do amianto, que na prática se constituiu na adoção de algumas medidas de segurança como: o uso de máscaras, aspiradores elétricos usados para a remoção das fibras de amianto espalhadas na produção dos objetos e novos equipamentos que promoveram a automação da linha de produção na tentativa de modernização das fábricas com o objetivo de fazer com que o trabalhador do ramo amiantífero tivesse menos contato com as fibras.

Essa modernização se estendeu à todos os ramos das indústrias que utilizam amianto, por exemplo nas fábricas de telhas as ondulações das telhas de amianto eram feitas manualmente, com essa modernização essa ondulação

³ São produtos os mais diversificados possíveis, desde roupa para bombeiro, para vulcanólogo, cortina de teatro, jateamento em paredes de cinema e danceterias (é isolante térmico, acústico e incombustível), pastilha de freio pois suas fibras são muito resistentes, comparável somente ao aço, caixas d'água, telhas, vasos, dentre outros.

⁴ As doenças relacionadas a exposição ao amianto são: asbestose, mesotelioma de pleura, peritônio, pericárdio, câncer de pulmão, câncer de laringe, de estômago, esôfago, do Cólon-retos, e outras localizações tais como ovário, pâncreas e rins (MENDES, 2000).

passa a ser feita mecanicamente, anteriormente as placas de amianto antes de ganharem a forma do produto final eram lixadas também manualmente, hoje já é inserida nas fábricas a lixadeira automática.

Outra importante medida de segurança foi a implantação de máquinas de lavar roupas dos trabalhadores que manuseavam amianto, para que as partículas do mineral não saíssem do ambiente da fábrica. Esse fato ocorreu no Brasil somente em meados da década de 1990, quando a nocividade do mineral passou a ter maior visibilidade no país, sobretudo, quando os movimentos sociais⁵ desempenharam um importante papel no que se refere a denúncias e reivindicações por melhorias sociais, nesse caso a mobilização gira em torno da reivindicação pelo banimento do uso desse mineral.

Vários trabalhos foram publicados sobre o tema, Algranti (1986), Inserm (1996), Costa (1983), Mendes (2000), Scavone et al. (1997), Scliar (1998) discutiram mais profundamente a questão da exposição ao amianto e o grande alcance que essa exposição pode ter, desde o ambiente de trabalho, aos moradores próximos às indústrias que utilizam amianto, lixões aos quais são depositados materiais com amianto ou ainda as próprias fibras.

A partir dessas reflexões a utilização desse mineral e os males advindos dessa exposição passam, em alguns países, a ser tratados como uma questão de saúde pública, esse fato enfraquece decisivamente a defesa do uso controlado do amianto.

Desse modo, as discussões sobre o banimento do amianto passam a ter maior repercussão mundial, já que fica comprovado cientificamente que toda e qualquer exposição (ocupacional e/ou paraocupacional e/ou ambiental) ao amianto pode causar câncer e que não há limite seguro de exposição, toda e qualquer exposição pode gerar um adoecimento que tem um longo período de latência, em média 30 anos (INSERM,1996).

As informações sobre a nocividade do amianto tiveram maior impacto nos países com leis trabalhistas consolidadas, tal qual a União Européia que, juntamente com alguns países da América Latina, sobretudo o Brasil, alavancaram a luta pelo banimento da utilização desta fibra, por meio do movimento social

⁵ Estudos sobre movimentos sociais no Brasil apontam para o surgimento dos mesmos a partir de um debate político que tinha como princípio o enfrentamento do Estado, dada a ausência de outras formas de interlocução com os partidos políticos, sindicatos e outros setores da sociedade e da incapacidade do mesmo de processar demandas advindas do acirramento das desigualdades sociais no sistema capitalista. Ferreira (1999), Oliveira (1993).

anti-amianto⁶, que pressiona os governos para que a utilização dessa substância seja banida.

Após muita mobilização do movimento social pró-banimento do amianto a União Européia outorgou que até 01 de janeiro de 2005 todos os países componentes deste bloco deixarão de usá-lo. Alguns países já o fizeram como é o caso da Itália, Holanda, Dinamarca, Suécia, Suíça, França (SCAVONE e al, 2000).

Já nos EUA, desde da década de 1950 o amianto vem sendo substituído por outras substâncias. Entretanto, esse país ainda é um grande produtor e exportador dessa matéria-prima, tal qual o Canadá, que também é um grande exportador de amianto, mas seu consumo é reduzidíssimo. No continente asiático e africano o consumo de amianto é alto e as discussões sobre a nocividade do amianto estão presentes, mas as indústrias do ramo ainda estão bem fortalecidas.

Na América Latina, o movimento social pró-banimento é forte, mas as indústrias, sobretudo as multinacionais ainda estão muito atuantes. No Brasil, alguns estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul aprovaram projetos de lei para banir a utilização dessa matéria-prima. Entretanto, como a proibição do amianto no país ainda não é em todo o território nacional, ainda há um nível de exposição alto.

Mesmo após o banimento, os produtos já instalados representam um alto risco de exposição, à medida que há a circulação em ambientes que contêm produtos com amianto, como telhas, vasos, caixas d'água, dentre outros, há o risco de contaminação ambiental. A situação está agravada no Brasil em virtude dos produtos que contêm amianto ainda estarem sendo fabricados e largamente utilizados⁷.

No presente artigo, discuto as implicações específicas da utilização do amianto no Brasil, analisando o modo pelo qual o modelo político-econômico atual tem atuado de forma a priorizar os interesses do grande capital em detrimento da saúde e dos direitos da classe trabalhadora, sobretudo da categoria

⁶ O movimento social pró-banimento do amianto teve início com a formação da rede virtual BANASBESTO, que tinha como objetivo divulgar informações sobre a nocividade do amianto e fortalecer uma grande associação de pessoas que auxiliassem na divulgação da nocividade do amianto. Esta rede foi fortalecida pelas Associações locais dos expostos ao amianto espalhados por muitos países como: Brasil, França, Inglaterra, Chile, Argentina, Itália.

⁷ Mais de 90% das caixas d'água instaladas no Brasil para uso doméstico são de amianto (GIANNASI & THÉBAUD-MONY, 1997).

submetida ao grande dilema: Arriscar a vida nos trabalhos insalubres ou enfrentar o desemprego.

Os Percursos da Sociedade Contemporânea: Globalização e Neoliberalismo, ocultação das lutas específicas - o caso do amianto.

Teoricamente a globalização pode ser definida como a integração e uniformização dos povos. Desde a Antiguidade esse processo vem se consolidando e sua marca principal é a formação de grandes impérios que assumem o comando político-econômico central (MIGLIOLI, 1999). Esse termo ganhou maior destaque nas duas últimas décadas, embora se trate de um fenômeno que vem ocorrendo há pelo menos cinco séculos.

De acordo com Vilas (1999) há algumas falsas delineações acerca da globalização que acabaram se constituindo no núcleo da ideologia globalizante, tais como: a globalização é um fenômeno recente e se constituiu num processo homogêneo e homogeneizador, pois se dissemina a idéia de que todos alcançaram o nível de desenvolvimento e consumo estadunidense e/ou europeu, esse fenômeno conduz a humanidade ao progresso e ao bem estar coletivo, além de conduzir os Estados a uma democracia plena, com forte tendência de enfraquecimento do aparelho estatal.

Dessa forma, a globalização ganha um caráter falsamente inovador, já que é propagada a idéia de que esse evento traz consigo a promessa de ajustar os problemas mais cruciais de todas as sociedades: ruptura das fronteiras físicas, agilidade na comunicação e na interação espacial e cultural entre os países, melhoria na economia e homogenização do desenvolvimento social mundial, dentre outros.

... a crença na virtualidade homogenizadora da globalização ressen-te-se de fundamentos, e choca com o desenvolvimento efetivo do processo. O aprofundamento das desigualdades a partir das quais as regiões e os países se apresentam incorporados à etapa atual da globalização, é uma das características deste processo, em ausência de fatores interventores que definam contratendências eficazes. (VILAS, 1999, p.38)

No plano econômico o neoliberalismo é o norteador da sociedade contemporânea, desde a década de 1970, quando formou-se uma forte aliança entre EUA e Inglaterra. Os EUA representado por Ronald Reagan e a Inglaterra representada por Margareth Thatcher, consolidaram políticas neoliberais que

passaram a ser a orientação econômica predominante, incorporadas por todos os segmentos políticos.

... o estado intervém em favor dos grupos melhor articulados aos processos de globalização para fortalecer sua posição no mercado e promover seus interesses e os capitais é tanto função dos mercados como resultado da getão política do estado.

A etapa atual da globalização na explicação financeira e neoliberal oferece uma reorientação no sentido da gestão do estado. ...

Há certamente um retraimento da presença empresarial do estado na economia. No entanto (...) esta retração é muito mais marcada nas economias menos desenvolvidas que nas mais industrializadas, na qual o estado mantém amplas margens de intervenção direta e indireta. (p.51-2)

A idéia de padronização política e econômica e a redução do Estado advindas com a globalização e o neoliberalismo escondem os autores dessas ideologias na tentativa de transparecer a redução do poder do estado e da política. Como assevera Vilas (1999), caso os estados e a política fossem irrelevantes como explicar o interesse e investimento das elites empresariais no controle político dos estados?.

O neoliberalismo se caracteriza como a política de livre mercado, as quais estão priorizadas a iniciativa privada e a liberdade do consumidor (MCCHESEY apud CHOMSKY, 1999). O mercado não regulado é o centro desse sistema, pois este é regulado diretamente pelos consumidores que somente consomem o que melhor lhes convém, por isso afirma Milton Friedman – guru do neoliberalismo no livro *Capitalismo e liberdade*

todo governo que segue políticas contrárias ao mercado é antidemocrático, com independência do apoio popular bem informado de que desfruta. Para tanto, o melhor é restringir os governos a tarefa de proteger a propriedade privada e fazer cumprir os contratos, limitando o debate político a temas de menor força. As questões importantes, a produção e distribuição de recursos, assim como a organização social, deve determinar as forças do mercado (FRIEDMAN apud CHOMSKY,1999, p. 9-10).

Na prática, o sistema Neoliberal funciona como catalisador de concentração de renda e produção exacerbada de desigualdades sociais. Esse processo tem representado a desagregação dos movimentos sociais, sindicais e a ausência de uma perspectiva de conquistas trabalhistas que representem efetivamente as necessidades da classe trabalhadora.

A problemática que envolve a utilização do amianto revela o modo pelo qual o sistema político-econômico atual tem sido eficaz na expansão de um modelo desenvolvimentista, fundamentado na exploração dos países ditos periféricos, acentuando as desigualdades sociais por meio da concentração de renda, saúde, poder econômico e político. Pois curiosamente os países de capitalismo avançado não estão mais utilizando essa fibra cancerígena. Nos EUA e Canadá ainda existe a produção, mas o consumo é baixíssimo, já na União Européia até 2005 o amianto não mais será utilizado. Em contrapartida, esses países sediam as matrizes das multinacionais que têm filiais que utilizam em larga escala o amianto nos países ditos periféricos.

Com o acirramento de diversos problemas sociais, houve resistência nos mais variados setores, e essas formas de resistência à ordem vigente se transformaram, no discurso dos dominadores em uma ameaça. Podemos observar vários casos dessa resistência e o modo pelo qual os EUA têm lidado com as mesmas. Um exemplo claro, retratado por Chomsky (1996) é o narcotráfico na Colômbia. Para o autor, a guerra dos EUA contra o narcotráfico na Colômbia é um mito, pois o objetivo-real é desmobilizar a população colombiana, que há anos vem representando resistência à política dos EUA.

O autor chama atenção ainda para a importância da propaganda, para ele, as minorias inteligentes de todos os países devem manter sistematicamente informada a população, pois somente dessa forma pode-se compreender os processos mentais e as pautas sociais que são utilizadas para a manutenção da dominação.

Da mesma forma, as reivindicações trabalhistas são fortemente combatidas, por meio de um conjunto de medidas como, por exemplo: o enfraquecimento dos sindicatos, a ameaça constante de desemprego, o desmantelamento dos movimentos sociais, dentre outros.

As massas devem ser controladas para seu bem, e as sociedades mais democráticas, onde cabe o recurso a força, os manipuladores sociais devem utilizar todas as novas técnicas de controle, em boa medida mediante a propaganda. (CHOMSKY, 1996, p.61)

Pode ser chamado de consentimento sem consentimento, termo usado pelo sociólogo Franklin Henry Giddings (CHOMSKY, 1999) para retratar as relações de poder que a classe dominante tem exercido sobre os dominados, e o modo pelo qual essa dominação está diluída por toda a ideologia burguesa dominante,

que faz com que as classes subalternizadas consentam sem ter a real dimensão desse consentimento.

Atualmente, várias têm sido as formas pelas quais a classe dominante tem se apoderado para manter sua hegemonia, a principal delas certamente é a mídia, seja pela difusão da Indústria Cultural⁸, seja pela propagação de informações enganosas, que é uma forma de desarticulação da classe trabalhadora.

O caso das informações veiculadas na imprensa sobre a utilização do amianto no Brasil é um exemplo atual da manipulação enganosa de informações. As indústrias do ramo (a maioria das que atuam no Brasil são multinacionais poderosas econômica e politicamente, que mais faturaram na última década), insistem em veicular informações, nos mais diversos meios de comunicação, que afirmam que o amianto brasileiro não é cancerígeno e que o maior mal é a desinformação. Mesmo sendo consenso científico de que o amianto é cancerígeno, a indústria do ramo tem utilizado vários artifícios para confundir a opinião pública e continuar atuando no país. Em agosto de 1999 a *Revista Isto É* (de circulação nacional) publicou em várias edições, em geral de duas páginas inteiras, dando informes enganosos sobre o amianto. Em julho de 2002 foi inaugurada no estado de Goiás a sala do amianto, tal inauguração foi uma iniciativa da (AGIM) Agência Mineral de Goiás e da SAMA (Sociedade Anônima de Mineração de Amianto Ltda) voltada para pesquisadores, estudantes e interessados em geral pelo assunto que tem por objetivo principal divulgar notícias sobre as diversas aplicabilidades do mineral.

No Brasil, os opositores à utilização dessa fibra cancerígena são os ex-trabalhadores, a exemplo dos trabalhadores de Osasco, que fundaram a ABREA (Associação Brasileira dos Expostos ao Amianto). Em geral, os trabalhadores ativos não vem se mobilizando. Contribui para isso o medo do desemprego, a desinformação e a omissão das empresas do ramo e do governo brasileiro em asseverar a defesa da saúde de seus trabalhadores.

A ABREA tem insistentemente contraposto as falsas informações divulgadas pela indústria amiantífera no Brasil. Contudo, essa Associação não consegue ter a expressão nacional que as empresas do ramo possuem. Os defensores do amianto utilizam meio de comunicação de massa (revistas, jornais,

⁸ Discussão esta desenvolvida por Adorno e pela escola de Frankfurt - A Indústria Cultural como toda e qualquer indústria tem somente um objetivo: altos lucros. Mas no caso da expressão indústria cultural, adverte Adorno, essa não está ligada ao processo de produção no sentido literal, mas sim a padronização na qual são submetidas grande parte das chamadas produções culturais. (ADORNO, 1986)

TV) de custos elevados, já a ABREA, fundamentalmente por falta de verbas, não consegue fazer circular extensivamente as informações sobre a nocividade do amianto.

Para ilustrar a gravidade da situação apresentamos a seguir uma tabela de dados estatísticos coletados pela ABREA de ex-trabalhadores da Eternit de Osasco, de **970** ex-trabalhadores examinados, **515** apresentaram **doenças causadas pela exposição ao amianto** e **47** trabalhadores vieram a **óbito** causados por doenças relacionadas ao amianto.

Grupo de 970 ex-trabalhadores da Eternit de Osasco

Examinados até nov. de 2001

100 Casos de Asbestose

190 Casos de Placas Pleurais

222 Casos de Distúrbios Respiratórios

03 Casos de Câncer de Pulmão

03 Óbitos por Mesotelioma de Pleura

08 Óbitos por Asbestose

06 Óbitos por Câncer de Pulmão

01 Óbito por Câncer de Laringe

13 Óbitos por Distúrbios Respiratórios

16 Óbitos por Câncer de Pulmão

TOTAL DE CASOS: 515

TOTAL DE ÓBITOS: 47

Fonte: (GIANNASI, 2002).

Esses dados revelam, ao contrário do que a indústria do ramo amiantífero divulga, que a incidência das doenças profissionais relacionadas ao amianto é elevada. Entretanto, vários são os fatores que contribuem para a invisibilidade

dessas doenças, como, as propagandas veiculadas pelas empresas afirmando que o amianto utilizado no Brasil não é cancerígeno, o período alto de latência das doenças (em torno de 30 anos), as doenças são pouco conhecidas, por exemplo o mesotelioma foi registrado no CID (Classificação Internacional das Doenças) em 1995, além do que essas doenças necessitam de um diagnóstico e exames de alta precisão, caso contrário podem ser confundidas com outras doenças, como câncer de pulmão não relacionado ao amianto ou tuberculose.

Dessa forma, a nova configuração da sociedade contemporânea sob o jugo da globalização e do neoliberalismo deixou a classe trabalhadora mais ameaçada, com perdas sucessivas dos direitos trabalhistas como, carteira de trabalho assinada, direito a férias, a 13º salário e a ameaça constante de desemprego. Os trabalhadores que têm emprego com carteira assinada acabam se submetendo a subproletarização, à pressões e condições de trabalho desumanas e a insalubridade, pois o grande sonho da classe trabalhadora hoje é estar empregada.

No Brasil, a estimativa de trabalhadores expostos ao amianto é dispersa, pois devem ser incluídos os trabalhadores diretos e indiretos, ou seja, desde o trabalhador que manuseia o amianto na fabricação de produtos industriais até o trabalhador que faz reparos utiliza algum produto que contém amianto como, por exemplo, quem trabalha com guarnições de freio e embreagens, ou o trabalhador que monta telhado ou instala uma caixa d'água de amianto. O que dificulta muito as estatísticas dos trabalhadores envolvidos de alguma forma com o amianto é que muitos desses trabalhos são informais ou esporádicos e certamente esses trabalhadores não entram nas estatísticas dos expostos ao mineral.

Em São Paulo, as empresas que atualmente utilizam amianto estão localizadas nos municípios de Leme e Capivari, em ambos os municípios não há mobilização dos trabalhadores ou dos sindicatos da categoria opondo-se a utilização desse mineral cancerígeno⁹. No primeiro município citado são três empresas que empregam por volta de 400 trabalhadores e no segundo atua uma multinacional com aproximadamente 1000 funcionários expostos diretamente ao amianto.

⁹ Na minha dissertação de mestrado pretendo fazer uma análise mais ampliada dos sofrimentos causados pelos trabalhos insalubres em geral e do amianto em particular, bem como a ausência de mobilização destes trabalhadores que acabam assumindo no âmbito individual este problema que é social. Além do amianto são utilizados muitos outros produtos nocivos a saúde como, sílica, agrotóxicos, processo de galvanoplastia e tratamento de metais, produtos químicos diversos como mercúrio e cromo, ou ainda máquinas perigosas que causam a mutilação ou morte dos trabalhadores.

Desse modo, conclui-se que a política-econômica atual acirra as disparidades sócio-econômicas em grande parte dos países da América Latina, África, grande parte da Ásia e Oriente Médio com o aumento paulatino da pobreza, do desemprego, da subproletarização, do enfavelamento das cidades e da crescente opressão da classe trabalhadora (VILAS, 1999).

O Mundo do Trabalho Contemporâneo: novos paradigmas?

A primeira Revolução Industrial formulou o paradigma do capitalismo do nosso tempo, desde então, as relações de trabalho, de geração de mais valia e de lucro vem se reformulando e acentuando as desigualdades sociais.

Até meados do século XVIII as diferenças entre os países considerados de primeiro mundo e aqueles considerados de terceiro mundo eram muito menores que no século XX. A Europa ocidental, EUA e Japão são os países que mais se desenvolveram economicamente com a política de desenvolvimento contemporâneo. É claro que esse desenvolvimento se reflete em todos os segmentos dessas sociedades, mas é no trabalho que percebemos diferenças gritantes, seja por conta de salários mais dignos quando comparado aos salários dos países em desenvolvimento, seja pelas melhores condições de trabalho, ou até mesmo pela existência do emprego, que nos países em desenvolvimento está escasso.

Os estudos sobre trabalho se avolumaram na década de 80 e 90, Fordismo, Taylorismo, Toyotismo, trabalho informal e desemprego foram moldando o universo do trabalho no mundo todo. Na sociologia essa temática é objeto de estudo de muitos autores. Farei uso das argumentações de autores que questionam a centralidade do trabalho na sociedade e nos estudos sociológicos das últimas décadas como fio condutor na análise da centralidade do trabalho no mundo contemporâneo.

Para as tradições clássicas da sociologia burguesa e marxista o trabalho constituiu o fato sociológico fundamental. Entretanto, Offe (1989) vem ampliar essa tese na análise das sociedades capitalista das décadas de 1980 e 1990. Para tal ele formula algumas proposições históricas, no modo pelo qual a sociologia analisou as transformações no mundo do trabalho

Os estudos sociológicos do século XX consolidaram o trabalho em sua forma pura, ou seja, separado de outras atividades. Trabalho livre, desvinculado dos laços

feudal, regulado pelo mercado e não mais orientado imediatamente para o uso concreto, mas dirigido pela tortura da fome (Weber), da coação estrutural para ganhar a vida é, por assim dizer, a matéria-prima das construções teóricas dos clássicos da sociologia. (OFFE, 1989, p.6)

Separado das famílias e das formas tradicionais de associação, e privado de proteção política, o trabalho assalariado foi vinculado a organização e a divisão capitalista do trabalho, assim como aos processos de pauperização, alienação, racionalização e as formas organizadas e desorganizadas de resistência (econômica, política e cultural) intrínsecas a estes processos. (OFFE, 1989, p.12)

O autor observa que há um considerável declínio de pesquisas nas ciências sociais centradas no trabalho. Ele levanta várias transformações na sociedade que contribuíram para que as ciências sociais buscassem também outras temáticas em suas pesquisas. No embasamento dessa afirmativa o autor faz algumas indagações

A sociedade está objetivamente menos moldada pelo fato do trabalho? A esfera da produção e do trabalho está perdendo sua capacidade de determinar a estrutura e o desenvolvimento da sociedade mais ampla? Pode-se afirmar que, não obstante o fato de uma esmagadora parcela da população depender de salário, o trabalho se tornou menos central para os indivíduos e para a coletividade? Pode-se, portanto falar de uma implosão da categoria trabalho? (OFFE, 1989, p. 6)

Para o autor essas indagações são positivas porque o trabalho contemporâneo se diversificou tal qual os trabalhadores e acabou adquirindo um novo sentido, embora as relações trabalhistas continuem sendo fundamentais para a compreensão da sociedade contemporânea, não podem mais ser analisadas isoladamente, mas sim num contexto interdisciplinar.

A década de 1980 presenciou, nos países de capitalismo avançado, profundas transformações no mundo do trabalho, nas suas formas de inserção na estrutura produtiva, nas formas de representação sindical e política. Foram tão intensas essas modificações, que se pode mesmo afirmar que a classe-que-vive-do-trabalho sofreu a mais aguda crise do século XX, que atingiu não só a sua materialidade, mas teve profundas repercussões na sua subjetividade e, no íntimo inter-relacionamento destes níveis, afetou a sua forma de ser. (ANTUNES, 1998, p.15)

Essas transformações no mundo do trabalho vem ocorrendo desde a década de 1970-1980 na Europa e desde a década de 1980 e 1990 no Brasil. Entretanto, há uma grande lacuna numérica causada pela implantação de novas tecnologias que substituem a mão-de-obra humana, que ainda não foi

preenchida por uma outra atividade que proporcionasse a autonomia financeira e moral do indivíduo.

Ao contrário, as crescentes taxas de desemprego no mundo trazem como conseqüência um aumento da violência, do uso de entorpecentes, de álcool, de doenças mentais, da exclusão social. E por outro lado, obriga determinadas categorias a submeterem-se a condições de trabalho sub humanas ou de risco de vida como é o exemplo dos bóias frias, dos trabalhadores que manuseiam amianto, sílica, produtos químicos em geral, dentre outros.

No caso específico da utilização do amianto, instaurou-se um paradoxo ainda maior para esses trabalhadores, pois as informações sobre a nocividade do amianto estão mais presentes na mídia e no cotidiano. Em geral, os trabalhadores sabem que estão manuseando uma fibra altamente cancerígena, que podem estar contaminando a si próprio ou a seus familiares, mas permanecem em seus postos de trabalho, pois o medo de represálias das empresas e a ameaça do desemprego são ainda maiores que o medo de se contaminar e desenvolver uma doença fatal.

Por fim, o mundo do trabalho permanece no seu antigo paradigma: é a atividade central da sociedade contemporânea, se configurando como centro das transformações e dos problemas da nossa sociedade. “Ainda que presenciando uma redução quantitativa no mundo produtivo, o trabalho abstrato cumpre papel decisivo na criação de valores de troca.” (ANTUNES, 1998, p.75).

Considerações Finais

O século XX foi palco de grandes inovações científico-tecnológicas que resultaram na consolidação de uma sociedade altamente industrializada, com grandes recursos tecnológicos e acentuadas desigualdades sociais. Da mesma forma que a Revolução Industrial foi o marco histórico que decididamente influenciou nosso tempo, século XX e início do XXI, a globalização e o neoliberalismo serão as marcas históricas delineadoras das sociedades futuras.

Essas formulações político-econômicas desencadearam reformulações epistemológicas que se refletiram no estado, na sociedade civil, na democracia, na política e no trabalho.

Todavia, essas grandes transformações são vivenciadas por todos, mas compreendidas apenas por uma parcela muito pequena da população. Para Chomsky – excetuando-se os estudiosos e os empresários – o termo neoliberalismo é desconhecido das pessoas comuns, sobretudo nos EUA.

No Brasil, os efeitos negativos desses paradigmas políticos-econômicos são sentidos de forma mais intensa, ainda que a população em geral não seja conhecedora dos significados *sui generis* dessas transformações, a precarização do trabalho, as altas taxas de desemprego e o agravamento dos problemas sociais e da violência certamente são os norteadores para uma reflexão de que o sistema político-econômico atual não tem respondido a diversidade dos problemas sociais brasileiros.

As iniciativas neoliberais se apresentam como políticas de livre mercado que priorizam a iniciativa privada e a liberdade do consumidor. Nesse contexto, a mídia e a Indústria Cultural foram fortalecidas e se tornaram as grandes aliadas do neoliberalismo.

“O sistema neoliberal tem, portanto, seqüelas importantes e necessárias: uma cidadania despolitizada, caracterizada pela apatia e cinismo”(CHOMSKY, 1999 p.10). As conseqüências destas políticas foram imediatas: o aumento da desigualdade social e econômica, degradação ambiental, instabilidade econômica mundial e uma exacerbada concentração de renda.

Chomsky assevera que o neoliberalismo não traz nada de novo, “é somente uma versão atualizada da batalha a favor de que as minorias ricas restrinjam os direitos políticos e os poderes civis da maioria” (MCCHESENEY Apud CHOMSKY 1999 p. 14).

Os impactos dessa política-econômica trouxeram conseqüências profundas para o mundo do trabalho, tais como o desemprego estrutural, a precarização do trabalho (desde ter que trabalhar com uma fibra comprovadamente cancerígena, até ao veto do direito a licença maternidade/paternidade), o crescimento do trabalho informal, como bem afirma Antunes (1999 p.16):

A lógica do sistema produtor de mercadorias vem convertendo a concorrência e a busca da produtividade num processo destrutivo que tem gerado uma imensa precarização do trabalho e aumento monumental do exército industrial de reserva, do número de desempregados.

Desse modo, os movimentos sociais e as lutas específicas vão surgindo para contrapor o saber convencional e o neoliberalismo asseverando que há

alternativa de construção de uma sociedade voltada para as necessidades das classes subalternizadas.

Finalmente, cabe registrar que o caso específico da utilização do amianto espelha e reforça a precariedade pela qual a saúde e o trabalho estão sendo administrados na sociedade contemporânea. Bem como as estratégias neoliberais têm instaurado eficazes mecanismos de controle social e concentração de renda, que comprometem a saúde física e mental do trabalhador que neste caso acaba submetido a um grande paradoxo: arriscar sua vida nas atividades insalubres ou correr o risco eminente de ser excluído do mercado de trabalho.

Referências

ADORNO, T.W. **Theodor W. Adorno**: sociologia. Organização e comentários Gabriel Cohn. São Paulo: Ática, 1986. (Grandes Cientistas Sociais, 54).

ALGRANTI, E. Riscos à saúde causados pelo asbesto e o controle médico. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v.16, n.63,p.10-1, 1986.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 1998.

_____. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.

CHOMSKY, N. **Política y cultura a finales del siglo XX**: un panorama de las actuales tendencias. 2.ed. Barcelona: Ariel, 1996.

_____. **El beneficio es lo que cuenta**: neoliberalismo y orden global. Barcelona: Crítica, 1999.

COSTA, R. L. **Estudo da asbestose no município de Leme**. 1983. Dissertação (Mestrado) –Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

FERREIRA, M. M. **As Caetanas vão à luta**: a trajetória do movimento feminista face as políticas públicas. 1999. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Maranhão, São Luiz.

GIANNASI, F. **Amianto e saúde pública**: história e realidade brasileira. São Paulo, 2002. Disponível em <http://www.abrea.com.br/10saude.pthmamianto>. Acesso em 20 maio 2003.

GIANNASI, F. ; THÉBAUD-MONY, A. Occupational exposures to asbestos in Brazil. **International Journal of Occupational Environmental Health**, Philadelphia, v.3, p.150-7, 1997.

INSERM. Institut National de Sa Santé e de La Recherche Medical. Effects sur la san'te des principaux types d'exposition à l'amiante: expertise collective. **Synthese**, 1996.

MENDES, R. **Efeitos da inalação de fibras de asbesto (amianto) sobre a saúde humana**: estado atual do conhecimento e fundamentação científica para uma política de priorização da defesa da vida, da saúde e do meio-ambiente. Brasília: IDEC, 2000.

MIGLIOLI, J. A globalização numa visão histórica. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v.3,n.6, 1999.

OFFE, C. Trabalho: a categoria chave da sociologia? **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.4, n.10, 1989.

OLIVEIRA, F. **Estado, sociedade, movimentos sociais e políticos no limiar do século XXI**. Rio de Janeiro: IBASE, 1993.

SCAVONE, L. et al. **Amianto e suas conseqüências sócio-familiares**: uma abordagem comparativa franco-brasileira. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras, 1997. Relatório Final de Pesquisa.

_____. **Saberes institucionais, saberes profanos**: doenças profissionais, gênero e amianto. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras, 2000. Relatório Parcial de Pesquisa.

SCLIAR, C. **Amianto**: mineral mágico ou maldito? Ecologia humana e disputa político-econômica. Belo Horizonte: CDI, 1998.

VILAS, C. Seis idéias falsas sobre globalização. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v.3,n.6, 1999.